

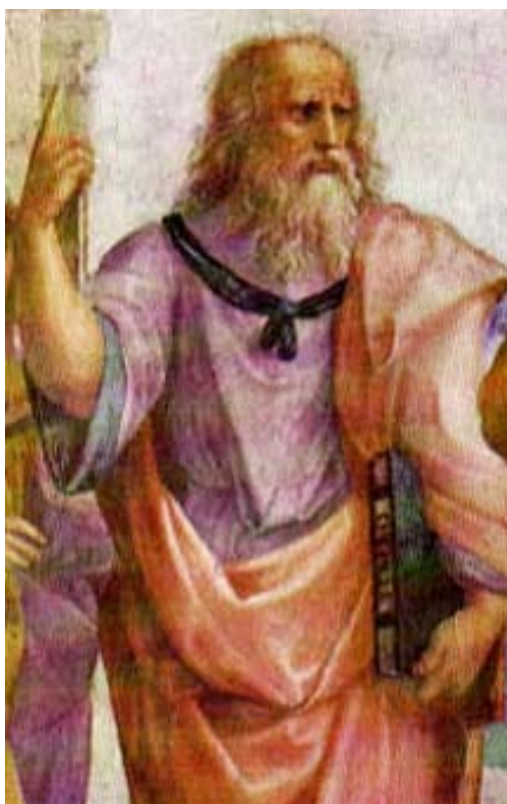


Considerações Esotérico-Numéricas Sobre o Pensamento de Platão

Pelo Prof. Dr. R. D. Pizzinga, 7Ph.D. (*)

Membro dos Iluminados de Kemet

<http://ordoilluminatorum.net/>



Platão (427 a. C. – 347 a. C.)

Abstract

A SEMELHANÇA entre os pensamentos platônico e pitagórico talvez seja, em parte, basilarmente, provinda dos ensinamentos egípcios e babilônicos que ambos conheciam. O que parece ser indiscutível, entretanto, é que Platão sofreu benfazeja influência de seu predecessor. De qualquer forma, como disse Raymond Bernard, Platão é um TRANSMISSOR no sentido mais sagrado do vocábulo. Entende-se que Pitágoras também. Platão e Pitágoras (KH – o Ilustre) foram ambos Altos Iniciados das Antigas e Arcanas Escolas de Mistérios.

Introdução

NO LIVRO VII de “A República”, Platão discutiu a importância da aritmética, da geometria, da astronomia e da harmonia, que considerou pilares indispensáveis e insubstituíveis do processo educativo e dialético, cuja finalidade é o conhecimento do BEM, tendo admitido que sem o conhecimento do cálculo e da aritmética, a VERDADE não poderá ser alcançada. E o filósofo, para atingir a essência (o NÚMENO), deve conhecer aprofundadamente aquelas ciências. O maior mathema, segundo Platão, era (e continua sendo) a IDÉIA DE BEM. O aprendizado do cálculo, para este fim específico, deve acontecer pela contemplação da natureza dos números exclusivamente pelo pensamento, de tal sorte a facilitar a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência. [1] Quando os sentidos não têm capacidade e confiança para fazer um juízo adequado, a alma deve usar o cálculo e a inteligência para saber se os objetos dos sentidos são um ou dois, e, ao surgir o conceito de pluralidade, a alma haverá de questionar: Que é unidade absoluta? Assim, a apreensão intelectual da UNIDADE — do UM — incita a mente à contemplação do SER, quando então alcança o conhecimento

de que UM É UM E ILIMITADO EM MULTIPLICIDADE. Esse conhecimento, segundo Platão, impõe ao homem que eleve poderosamente a alma para o alto [forçando-a] a discorrer sobre os números em si.[2] Este conhecimento, esta experiência, é estritamente pessoal e intransferível. Neste instante, propõe-se uma breve pausa, para se refletir sobre uma curta declaração de Nietzsche (1844-1900), a quem muitos ainda hesitam em reconhecê-lo como místico: Ninguém pode extrair mais das coisas/Inclusive dos livros que já conhece./O homem não tem ouvidos para aquilo,/que a experiência não lhe deu acesso. Por isso, só pela experiência pessoal, íntima e solitária, no santuário interno de seu IMACULADO TEMPLO (In Imo Corde), poderá o ser, como recomendou Platão, contemplar os mistérios do Universo, e reconhecer realizando que UM É UM E ILIMITADO EM MULTIPLICIDADE. Fora, não. A experiência, assim, gera conhecimento. Todavia, o conhecimento em si é nada se não for adequadamente utilizado. SABEDORIA É A CORRETA APLICAÇÃO DE UM CONHECIMENTO ADQUIRIDO POR ESFORÇO E EXPERIÊNCIA PESSOAIS. Caridade! Caridade! Caridade! Humildade! Humildade! Humildade! Solidariedade! Fraternidade! Amor! PAZ!

O filósofo não pode prescindir da aritmética, devendo compelir a alma a raciocinar sobre números abstratos, senda segura e conducente à passagem do vir-a-ser ao Ser e à Verdade (ainda que sempre relativos). Nesse nível, o mundo material subordina-se e reflete o plano das energias espirituais.

A geometria, apesar de prática, na sua parte central e mais adiantada, tende a impulsionar e a ascensionar a alma para a IDÉIA DE BEM, e a fazer irromper o próprio espírito da filosofia, sendo esta o conhecimento do que existe sempre.[3] Por isso, segundo Platão, são diferentes aqueles que estudaram geometria daqueles que a ela não deram atenção. No portal da Academia que fundou na Ilha de Egina estava escrito: NÃO ENTRE AQUI QUEM NÃO FOR GEÔMETRA.

A astronomia, por seu turno, obriga as almas a contemplarem o céu estrelado, elevando e transportando a consciência das coisas terrenais às celestiais. O firmamento, propugnou Platão, deve ser utilizado como modelo de um conhecimento superior, para que a parte inteligente da alma, de inútil torne-se útil e produtiva, compreendendo que o Demiurgo tudo criou da forma mais perfeita. Esse conhecimento esposado por Platão, já era professado por Pitágoras, que advertiu que a contemplação dos corpos celestes (ordem celestial), purificava lentamente o ser, acabando por libertá-lo do ciclo compulsório de nascimentos, imortalizando-o. Na verdade, a imortalidade só poderá ser alcançada pela construção consciente do próprio Mestre Interior. Aqui cabe a advertência de que a contemplação, à qual aludiu Pitágoras, induz à meditação, estado alterado de consciência oposto à concentração. Hodiernamente, costuma-se confundir essas duas instâncias da mente. Enquanto a concentração utiliza mecanismos mentais de ordem racional, o estado meditativo (contemplação) propicia experiências em um plano, por assim dizer, TRANSRACIONAL, melhor, TRANSNOÉTICO. Há, como se pode depreender, no pensamento de Pitágoras, de Platão e de outros filósofos um certo hermetismo de decifração obscura e labiríntica. Entretanto, entende-se, indubitavelmente, inclusive por várias afirmações de cariz hermético, que tanto Pitágoras quanto Platão, quando se referiram ao termo CONTEMPLAÇÃO, usaram-no no sentido de MEDITAÇÃO. Possivelmente a contemplação induza preliminarmente a vivências e a experiências em um PLANO TRANSNOÉTICO. Posteriormente, a razão decodifica tais experiências no nível racional. De qualquer forma, o retirar-se para meditar vem de longe. O filósofo chinês Lao Tsé enfatizava: Evita a ação, permanece em silêncio, o resto são comentários. O retiro de Jesus foi semelhante ao de Orfeu nos montes da Trácia. Moisés retirou-se no Sinai, Zoroastro isolou-se no Bordjah, e Manu escolheu as montanhas ao longo do Ganges. Entretanto, subir a montanha, esotericamente, significa elevar o Eu espiritual interior a uma altura na qual a COMUNHÃO CÓSMICA possa ser plena e definida. Subir a montanha é entrar em contato com o D'US INTERNO — o MESTRE INTERIOR construído por nossa própria volição. Esses contatos, a bem da verdade,

independem de montanhas, e subir a montanha em busca da iluminação, como ensinou Harvey Spencer Lewis, na obra *A Vida Mística de Jesus*, é tão-só uma frase simbólica. O importante é o isolamento, o propósito, o mérito e a disponibilidade interna. A mais alta montanha que cada ser singular poderá vir a subir está em seu próprio interior, no SANCTUM SANCTORUM que se encontra sempre aberto, iluminado e preparado para recebê-lo. Os martinistas referem-se à SENDA CARDÍACA. E a única vestimenta adequada para essa cerimônia íntima é o despojo de vaidades, de preconceitos e de pré-condições mentais, pois, nessa hora iluminante e ímpar da vida, o ser aprenderá e realizará coisas que, em sua maioria, são incompatíveis com os critérios e com os conceitos que a sociedade, os códigos e a própria razão estabeleceram e vêm estabelecendo ao longo do tempo. É a MÚSICA DAS ESFERAS, que é mais do que música! Kepler, no *Harmonices Mundi*, afirmou: Os movimentos dos céus não são mais que uma eterna polifonia. É o JARDIM, que é mais florido e exuberante do que todos os jardins. É o BELO que não se compara ao belo vivenciado no Plano Terra. É a PAZ. É a VIDA. É o BEM sem igual. É a sensação múltipla (que é apenas uma) de segurança, de certeza, de confiança e de participação na UNIDADE que move e anima o TODO. É o começo de algo que promete o inconcebível, porque o concebível que é realizado, em si só, já é extraordinário e inexprimível por simples palavras. Assim relatam, resumidamente, aqueles que se puseram em caminho, atravessaram o deserto, subiram a montanha e conquistaram o CASTELO. É o início da verdadeira compreensão e realização do VERBUM DIMISSUM. No princípio era a PALAVRA com a qual os Elohim criaram das Divinas Potências a essência do Céu e da Terra. Hoje e amanhã a PALAVRA IMPRONUNCIÁVEL é e continuará sendo.

Farei aqui um parêntesis para, rapidamente, abordar um assunto que poucos conhecem. Somos profundamente influenciados pelos sons externos. Isto é óbvio. Assim, se escutarmos músicas que tendam ao caos e à desordem, o nosso corpo físico e os outros seis corpos constitutivos do nosso ser, pela Lei da Correspondência, serão levados também à desorganização e, portanto, a um estado desarmônico e doentio. Isto é conhecido como vibração por simpatia. Histeria, depressão, alergias, desequilíbrio na produção de hormônios pelas glândulas endócrinas, atrofia do organismo, aumento na pressão sangüínea, esterilidade, comprometimento das ondas cerebrais alfa, confusão mental, inversão de comportamento, distress, insegurança psicológica, câncer e até ataques cardíacos fatais por alteração dos ritmos naturais do coração podem ocorrer como resultado de danos fisiológicos e psicológicos. Um ex-músico de rock recomenda enfaticamente que, por nenhum motivo, sejam escutadas as seguintes classes de rock: Heavy Metal, Acid Rock, Rock Satânico, Punk, Dark, Pornô Rock e Rock Assassino. Sobre esse tema, convido você, Meu Irmão, que leia o trabalho que escrevi “Água: Ímã da Vida (Dissertação e Experimentos)”, disponível em: <http://svmmvmbonvm.org/aguaima/>

O Criador e os Elementos

NO QUE concerne à harmonia, Platão repreendeu os que colocam os ouvidos à frente do espírito, no labor improfícuo de medir acordes harmônicos e sons uns com os outros. Para Pitágoras – que descobriu que os principais intervalos musicais podem ser exprimidos em proporções numéricas simples entre os quatro números da Tetractys (a Pitágoras é atribuída a descoberta do intervalo de uma oitava 2:1, uma quinta 3:2, uma quarta 4:3, e um tom 9:8) e para Platão, astronomia e harmonia são ciências irmãs, e o que a primeira é para os olhos, a segunda é para os ouvidos, havendo nelas uma perfeição que todo conhecimento deveria se esforçar por tentar alcançar. O estudo da harmonia, enfim, ensinou Platão, deve proporcionar a compreensão e a observação de quais são os números harmônicos e quais não o são, e por que razões diferem[4]. Segundo tal compreensão, a música aparentemente proporciona o deleite da alma. A MÚSICA DAS ESFERAS CELESTIAIS (a

Música Eterna), intrinsecamente constitutiva da ALMA DO MUNDO, só pode ser conhecida pelo espírito em sua energia indefinível e em grau de harmonia semelhante à própria harmonia desse som inaudível. Platão, em vários trechos da República, determinou que essa harmonia musical deve refletir-se tanto na saúde psíquica do ser, quanto na ordem pública da própria República. Enfim, desde a Antiga Grécia até o Renascimento, as Sete Artes Liberais estavam divididas em dois grupos: Trivium (saberes humanos) e Quatrivium ou Matemáticas (saberes exatos). O Trivium era composto da Gramática, da Dialética e da Retórica. O Quatrivium estudava o imutável: Geometria, Aritmética, Música e Astronomia.

A compreensão desses princípios e o estudo metódico e comparado de todas essas ciências facultarão a que se alcance um ponto de intercomunhão e que se constate suas mútuas afinidades. Este curriculum proposto por Platão visava, em última instância, a dois aspectos principais: disciplina mental e desenvolvimento do pensamento abstrato. A filosofia platônica passa, assim, da investigação horizontal para a dialética vertical, esforço do pensamento no sentido de alcançar a Verdade. A verdadeira Dialética é fome e sede de VERDADE, que só pode ser alcançada e conquistada assintoticamente.

No Timeu, obra outonal de Platão e com profunda conotação alquímica, o Filósofo, já na primeira fala, referiu-se ao QUATERNÁRIO, vocábulo que denota o nível do criado dentro do Universo, no qual todas as forças são produto da dinâmica dos quatro elementos: FOGO, AR, ÁGUA e TERRA. Há uma óbvia relação com a quaternidade inferior do ser neste plano: CORPO FÍSICO, CORPO ETÉRICO, CORPO ASTRAL E EU. Entretanto, apesar de a obra começar com a descrição da Atlântida e seu desaparecimento, seu conteúdo prevaletente versa sobre a criação e a natureza do Universo. E assim, tudo que nasce, nasce necessariamente pela ação de uma causa, pois é impossível que seja lá o que for possa nascer sem causa[5]. E a melhor das causas é o CRIADOR, ser eterno, não-nascido, ao qual Platão chamou de MESMO, por associá-lo à imobilidade e à eternidade da perfeição, em contraposição ao Outro, ser efêmero, imperfeito e associado à mobilidade e à descontinuidade da matéria. O MESMO representa, portanto, a permanência, e está relacionado à idéia de ilimitabilidade; o Outro representa a impermanência e está associado ao conceito de limitação. Mas, ainda que limitado, o Outro tem, segundo Platão, sua origem no SER ILIMITADO, cuja meta deve ser ultrapassar as limitações da própria mutabilidade e se alçar, assintoticamente, ao plano essencial no qual permanente, imutável e eternamente convizinham a VERDADE e a PERFEIÇÃO, vale dizer, o SVMMVM BONVM.

Desejando que todas as coisas fossem como ELE mesmo, Platão entendeu que DEUS formou o devir e o Universo da maneira que segue:

...após ter colocado o Intelecto na Alma, a Alma no Corpo, formou o Cosmos, para dele executar uma obra que essencialmente fosse a mais bela e a melhor... o Cosmos, que é verdadeiramente um ser vivo provido de Alma e de Intelecto, e assim gerado pela ação da Providência de um Deus[6].

E para que a obra fosse essencialmente a melhor e mais bela, continua Platão, Deus tornou o todo em forma esférica e circular, começando a construção do mundo pelo FOGO e pela TERRA. Mas como duas coisas devem possuir uma terceira para ligá-las, e como o mundo não é plano, mas sólido, Deus colocou ÁGUA e AR entre a TERRA e o FOGO, dando-lhes a mesma proporção, de tal modo que, ALQUIMICAMENTE, o que o fogo é para o ar, o ar o foi para a água, e o que o ar é para a água, a água o foi para a terra[7]. O OVO ALQUÍMICO simboliza esotericamente este conceito.

A alma, indivisível e imutável, estabelecida no meio do corpo do Todo, formou-a Deus antes do corpo, e, sendo em origem e em excelência mais antiga e virtuosa do que o corpo foi criada para comandá-lo. A alma, portanto, rege, o corpo obedece. Pelo menos a ordem deveria ser essa. Aliás, a ordem cósmica deverá acabar por se cumprir desta forma. Mas ainda não acontece assim, pois o Triângulo Superior da

constituição setenária do ente pouca influência tem sobre a Quaternidade Inferior. Ao se completarem as SETE RONDAS, isto, talvez, possa vir a acontecer. A cada um cabe despender herculano esforço para cumprir sua reintegração, e auxiliar a todos a encontrarem as chaves que abrem as portas desse conhecimento. É preciso ser compreendido hiperbolicamente, entretanto, que a reintegração singular é falaz e também ilusória. O Universo é UM. Platão, certamente, conhecia e, privativamente, discutia e ensinava estes princípios.

Uma TERCEIRA ESSÊNCIA intermediária foi também criada, segundo a filosofia platônica, participando da natureza das duas primeiras, tendo sido interposta entre o indivisível e o material (divisível). Não estará aqui a indicação clara de que Platão teve acesso a um conhecimento alquímico transcendental? Não se constituirá essa TERCEIRA ESSÊNCIA no FOGO dos Alquimistas? Mercúrio e Enxofre só podem realizar a OBRA pela intermediação do FOGO, a TERCEIRA ESSÊNCIA. E assim, Enxofre, Mercúrio e Sal formam o Triângulo Perfeito da Criação com seus TRÊS PLANOS, a TETRACTYS dos pitagóricos e a manifestação espiritual trinitária platônica. Na Alquimia, essa essência espiritual que agirá sobre o Mercúrio é oriunda do próprio Enxofre e, assim, da união do Enxofre com o Mercúrio, é produzido um mercúrio modificado – MERCÚRIO DOS FILÓSOFOS – ponto de convergência ou terceira manifestação, vale dizer, Sal. É sobre esse Sal que todas as operações alquímicas são efetuadas. Esta é, iniciaticamente, a ALQUIMIA INTERIOR de construção do MESTRE DO TEMPLO INTERIOR, à qual se dedicam os Rosacruzes. De qualquer modo, sabia Platão que, sem o concurso dessa TERCEIRA ESSÊNCIA, a criação não se poderia ter realizado. Essa TERCEIRA ESSÊNCIA é equivalente (cabalisticamente) a KeTheR que estabelece a união entre os dois sephiroth inferiores: ChoKMaH e BINaH.

Combinou Deus essas três substâncias em uma e dividiu esse todo, composto pelo MESMO, pelo Outro e por essa TERCEIRA ESSÊNCIA, em tantas porções quantas achou conveniente, de acordo com as etapas seguintes:

Tabela 1: Etapas da Criação Universal

ETAPAS		PORÇÕES	
Primeira	uma parte do todo	1	
Segunda	dobro da primeira	2	
Terceira	três vezes a primeira	3	
Quarta	dobro da segunda	4	
Quinta	triplo da terceira	9	
Sexta	oito vezes a primeira	8	
Sétima	vinte e sete vezes a primeira	27	

A divisão apresentada por Platão no Timeu da mistura do MESMO, do Outro e da TERCEIRA ESSÊNCIA pode ser visualizada e esquematizada conforme mostra a tabela abaixo.

MISTO TOTAL UNITÁRIO	
MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL TRINITÁRIA	
	1
	2 3
	4 9
	8 27
crescei em acréscimo	multiplicai em multidão

Depois, os intervalos duplos e triplos foram preenchidos por retirada de porções da mistura, de modo que em cada um houvesse duas espécies de elementos ou meios. A partir daí, Deus, segundo Platão, dividiu como um X toda essa composição, fazendo com que seus meios coincidissem, e modelou, ligou, impôs movimento e quando terminou de moldar a alma, formou no seu interior o Universo corpóreo. A seguir, juntou os dois e os uniu centro com centro, criando, nesse sentido, primeiro o ARQUÉTIPO e depois o TIPO. Girando a alma em torno de si mesma, foi iniciado o princípio da vida racional. E assim, Platão entendeu que a diversificação do Cosmos foi engendrada segundo o mais perfeito padrão de ordem e de beleza. Leibniz viria a pensar de forma semelhante a Cosmogênese.

Para tornar Sua criação mais perfeita, Deus resolveu ter uma imagem movente da eternidade, pondo o Céu em ordem de acordo com os NÚMEROS. A essa imagem o homem chama tempo – que nada mais é do que o duramento da percepção da consciência.

NO ÂMBITO DA ATUALIDADE CÓSMICA TEMPO E ESPAÇO INEXISTEM. NO ÂMBITO DA REALIDADE E DA CIÊNCIA O TEMPO PODE SE APRESENTAR DILATADO OU CONTRAÍDO.

Em resumo, Platão entendeu que o Universo é constituído por uma tríade: INTELIGÊNCIA, ALMA E CORPO. E, por outro lado, há o ARQUÉTIPO que corresponde ao PAI; há a IMITAÇÃO correlacionada ao FILHO; e há, ainda, o RECEPTÁCULO DE TODO O CRIADO que equivale à MÃE. Ser, geração, espaço. Assim, o Universo contempla e contém toda a criação. O corpo do Universo consiste de Fogo e Terra, tendo como liga o Ar e a Água, em um amálgama belo, perfeito, harmônico e trino. A perfeição (Triângulo) está presente neste conceito, no qual a estabilidade (Quadrado) é dada pelos quatro elementos, ficando nítida, por esta combinação, a presença e a influência do Teorema de Pitágoras e as Leis da Alquimia na obra platônica.

A obra O Universo dos Números apresenta, resumidamente, os atributos ou correlações entre o ARQUÉTIPO e o TIPO[8], que estão transcritas abaixo, na Tabela 2:

Tabela 2: Correlações Platônicas entre Arquétipo e Tipo

ARQUÉTIPO	TIPO
Abrangido pela inteligência	Percebido pelos sentidos
Invisível	Visível
Incorpóreo	Corpóreo
Indivisível	Divisível
Imaterial	Material
Sem movimento	Em movimento

A hierarquia do Universo pode ser, finalmente, compreendida na obra platônica da seguinte forma: o Misto Total Unitário do Intelecto Transcendente de harmonia absoluta e entropia nula; o Mundo Binário da Alma caracterizado pelo movimento e pela contraposição de energias entropizantes e anti-entropizantes; e o Ternário, composto de Intelecto, Alma e Corpo[9]. Sobre a totalidade da filosofia platônica, compreende-se que sua mais sublime intenção foi auxiliar o homem a se compreender e a se libertar da CAVERNA. E o aprendizado só poderá começar realmente com a libertação do não-material das necessidades ilusórias do corpo material. A criação místico-iniciática do Mestre Interior não é compatível com as ilusões do Plano Terra. E, à medida que o ser avança em uma dialética filosófica ascensional, aprende e compreende que só MORRENDO É QUE NASCERÁ. E filosofar, ainda que possa parecer absurdo e ilógico, é APRENDER A MORRER. E ao aprender a morrer, ao morrer e ao renascer na LLUZ, o ser (servidor incógnito) volta à Caverna para transmitir aos cegos a LUZ da LLUZ

que contemplou do lado de fora, LUZ que é mais do que luz, porque é LUZ da LLUZ. LUZ que o promoverá simbolicamente do primeiro sephirah cabalístico ao segundo ou seja, do Reino ao Fundamento. LUZ, enfim, que ele não deseja só para si, porque sabe que não pode ser só sua, porque venceu o egoísmo, porque compreendeu que é patrimônio inerente à toda Humanidade, que sem saber, em seu âmagô, anseia por Ela. LUZ, que além de libertar, confirma que enquanto um único ser no Universo não vislumbrá-La, relativamente, este mesmo Universo não será livre. LUZ da LLUZ que, ao mesmo tempo em que liberta, contraditoriamente (apenas na aparência) escraviza. Escraviza o Portador do Archote a prazenteiramente, altruisticamente e fraternalmente iluminar seus irmãos. Assim, o Outro se realiza e se integra no MESMO, mas, também, irredutivelmente, nos Outros. MESMO, Outro e Outros são, enfim, constitutivos da UNIDADE CÓSMICA, DO BEM ABSOLUTO, DA NECESSIDADE GLOBAL, DO VERBO PERDIDO, DO JARDIM UNIVERSAL, EM UMA PALAVRA, DO PRÓPRIO D' US, QUE DEVERÁ SER CONSTRUÍDO POR TODOS NÓS EM NOSSO INTERIOR.

Considerações Finais

TODAVIA, ainda que o pensamento platônico tenha estabelecido dois planos fundamentais da Existência Global (MESMO e Outro), admite-se que Platão concebia que o destino ou caminho final do Outro só poderia ser no reencontro com o MESMO. A verdade última, que Platão provavelmente sabia, mas, que não a divulgou explicitamente, é que MESMO e Outro são UM. As mais Altas Iniciações que recebeu nas Escolas de Mistério do Antigo Egito, autorizam que se possa admitir que Platão, além de ter divulgado seu pensamento de forma profundamente hermética e cifrada, não tenha propagado (publicamente) todo o conhecimento de que foi depositário. De qualquer sorte, sua obra é inviolável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cs. A República, Platão, 5ª ed., p. 336. Platão entendia que o ser, pelo processo dialético, ao dialogar silentemente consigo, acaba por apreender a essência de cada coisa. Este método é denominado de MEDITAÇÃO.
2. Id.
3. Ibid., p. 338.
4. Ibid., p. 346.
5. Timeu e Crítias ou a Atlântida, Platão, p. 78.
6. Ibid., pp. 80 e 81.
7. Ibid., p. 83.
8. Op. cit., p. 58.
9. Cs. a Introdução de Timeu e Crítias ou a Atlântida, de Platão, por Norberto de Paula Lima, passim. Cs. tb. A Doutrina Secreta de Helena P. Blavatsky. Acrescenta-se, para elucidação, que entropia é uma função termodinâmica de estado que dá a medida de desordem de um sistema. A entropia de um sistema depende tão-só dos seus estados inicial (S1) e final (S2), e a variação entrópica (S) pode ser expressa pela fórmula: $S = S2 - S1$. Xenócrates dividiu o mundo em três regiões, cada uma correspondendo a um modo de conhecimento: Mundo Sublunar (percepção), Céu (representação) e Mundo Supraceleste (pensamento). Enfim, como considerações derradeiras de todas estas

especulações, entende-se que: O UNIVERSO É HARMÔNICO; A DESARMONIA É CAUSADA PELA IGNORÂNCIA HUMANA. NÃO HÁ ENTROPIA NAS OITAVAS MAIS ELEVADAS DO TECLADO UNIVERSAL. A ENTROPIA SÓ EXISTE NAS OITAVAS MAIS BAIXAS DESTES MESMO TECLADO. O UNIVERSO CAMINHA PARA UM TÉLOS. O UNIVERSO É; OS SERES HUMANOS, SE DESEJAREM, TAMBÉM PODERÃO SER CONSCIENTEMENTE.

BIBLIOGRAFIA

ORDEM ROSACRUZ – AMORC. Introdução à simbologia/Symbols: their nature and function. Trad. 1ª ed. Curitiba: Grande Loja do Brasil, 1982, 298 p.

_____. O universo dos números/Number systems and correspondences. Trad. 2ª ed. Curitiba: Grande Loja do Brasil, 1983, 240 p.

PLATÃO. A república. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, 513 p.

_____. Defesa de Sócrates. In: Os Pensadores – História das Grandes Idéias do Mundo Ocidental. Tradução de Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, pp. 3-27.

_____. Diálogos (Fédon, Sofista, Político). Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., 359 p.

_____. Diálogos I: Ménon; Banquete; Fedro. Tradução de Jorge Paleikat. [s.l.], Editora TecnoPrint S.A., s.d., 183 p.

_____. O banquete. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s.d., 148 p.

_____. Timeu e Crítias ou a Atlântida. Tradução, introdução e notas de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, s.d., 215 p.

ROOB, Alexander. O museu hermético: alquimia e misticismo. Tradução de Teresa Curvelo. Itália: Taschen, 1997, 711 p.

SITES CONSULTADOS

<http://cosmos.astro.uson.mx/Ciencia/Estelar/productos.htm>

<http://www.amorc.org/http://oficina.cienciaviva.pt/escolajoaoafonso/im-univ.htm>

<http://www.svmmvmbonvm.org/>

<http://www.svmmvmbonvm.org/maatportal.htm>

<http://www.amorc.org/>

NOTA DO EDITOR: (*) O Professor Dr. Rodolfo Domenico Pizzinga é Doutor em Filosofia, Mestre em Educação, Professor de Química, Membro da Ordem de Maat, Iniciado do Sétimo Grau do Faraó, Membro dos Iluminados de Kemet, Membro da Ordem Rosacruz AMORC e Membro da Tradicional Ordem Martinista. É autor de dezenas de monografias, ensaios e artigos sobre Metafísica Rosacruz. Seu web site pessoal é: <http://paxprofundis.org>



Visite o Site Oficial dos Iluminados de Khem, que disponibiliza Monografias Públicas para a Nova Era Mental: http://svmmvmbonvm.org/aum_muh.html

Monografia produzida por IOK-BR com OpenOffice.org 3.1.0

Linux Ubuntu 9.04 the Jaunty Jackalope – Gnome 2.26.1

Encriptada com Adobe Acrobat Professional

Publicada em Outubro de 6249 AFK (2009CE)

Distribuição (gratuita) permitida